



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Sou historiadora, logo existo

Natalia Azevedo Crivello¹

Resumo: Este artigo é resultado das discussões na disciplina “História do Tempo Presente”, do Programa de Pós-graduação em História Comparada/ UFRJ. Tendo o em vista o preposto, o “ser historiadora”, e as orientações do professor titular da disciplina em questão, desenvolverei um texto que discorra sobre: como a história individual (no caso a minha), suscita questionamentos a respeito da prática historiográfica do tempo presente; e a imbricação do papel do historiador e do indivíduo, perpassando pela máxima cartesiana (Cogito, ergo sum). Em outras palavras, o historiador exerce sua função em tempo integral?

Palavras-Chave: Historiografia – História do Tempo Presente – Ofício do historiador

I'm a historian, so I exist

Abstract: This article is the result of discussions in the discipline “History of the Present Time”, from the Postgraduate Program in Comparative History / UFRJ. Bearing in mind the purpose, the “being a historian”, and the guidelines of the professor in charge of the subject in question, I will develop a text that discusses: how individual history (in this case mine), raises questions about the historiographic practice of present tense; and the overlapping of the role of the historian and the individual, going through the Cartesian maxim (Cogito, ergo sum). In other words, does the historian exercise his function full time?

Keywords: Historiography – History of Present Time – Historian’s Office

Para lá de tantas tragédias e perturbações, grandes claridades brilham no horizonte. No sangue e na dor, cria-se uma humanidade nova. E, portanto, como sempre, uma história, uma Ciência histórica à medida de tempos imprevistos prepara-se para nascer. Desejo que, antecipadamente, o meu esforço tenha sabido adivinhar e abraçar as suas direções. E que os meus riachos possam dilatar o seu caudal.

Lucien Febvre

Este escrito contém algumas reflexões a respeito das leituras e discussões desenvolvidas na disciplina “História do Tempo Presente”, do Programa de Pós-graduação em História Comparada/ UFRJ, referente ao primeiro semestre de 2020, ministrada pelo professor doutor Dilton Maynard. Considerando o caráter apocalíptico deste ano, em decorrência do advento da pandemia de Covid-19 que mudou repentinamente (e sem precedentes) as relações trabalhistas, pedagógicas e sociais, enfim, as relações humanas, as aulas ocorreram remotamente, via videoconferências.

Tendo o em vista o preposto, o “ser historiadora”, e as orientações do professor titular da disciplina em questão, desenvolvo um texto que discorre sobre: como a história individual (no caso a minha), suscita questionamentos a respeito da prática historiográfica do tempo

presente; e a imbricação do papel do historiador e do indivíduo, perpassando pela máxima cartesiana (Cogito, ergo sum). Em outras palavras, o historiador exerce sua função em tempo integral? Peço licença ao leitor para a escrita em primeira pessoa. Imagino que alguém no doutorado já pode começar a caminhar (ou tentar) com suas próprias pernas. Além de que, o que será escrito ficará mais “legível” na primeira pessoa, penso eu.

Minha primeira ponderação acompanhou-me desde as primeiras aulas do curso. A pandemia agraciou-me com a possibilidade de aulas remotas. Se o ano de 2020 vem sendo considerado “O Apocalipse” pra muitas pessoas, 2018 foi o que recebeu este título na minha história. Neste ano, ingressei no doutorado, na UFRJ: um sonho de menina realizado. Vida encaminhada. Trabalhando muito. Viajando. Namorando. Sucesso? Porque não? Primeiro semestre “*bombou*”.

No recesso de meio do ano durante aquela frenética correção de provas e fechamento de diários de classe um sintoma estranho me acometeu. A visão estava falhando. Duplicando, na verdade. O conjunto de nervos que sustentam o globo ocular enfraqueceu, desalinhou e eis que eu conhecia a diplopia. Enxergava em dobro. Achei que era por conta de muito trabalho e estresse. A esse, foram-se somando outros sintomas: fraqueza, dormência na verdade. Dos braços e pernas. Disfonia, disfagia disartria, ptose palpebral: dificuldade de falar, de alimentar, de articular palavras e queda de uma das pálpebras. Em 15 dias, foram vários médicos e nenhum diagnóstico. Os sintomas piorando. Desenvolvi paralisação dos músculos de contração voluntária e início de dispnéia. Dia 2 de agosto dei entrada no Hospital Geral de Nova Iguaçu, onde meu diafragma parou: tive a crise respiratória.

Acordei numa sala de vidro. Entubada. Vários tubos saindo e entrando de mim. Alimentação por sonda naso-enteral. Uma sede que me consumia. Contida pelos pulsos com ataduras. Tentando imaginar o que havia me acontecido. Meu corpo não respondia aos meus comandos. Minha cabeça coçava. Nas próximas semanas, aprendi na prática e na carne a empiria do método científico. Virei uma cobaia. Pedia pra ser sedada. Várias hipóteses pra meus sintomas: meningite (quando acordei, estava na sala restrita da uti), botulismo, cefaleia/lite, miastenia gravis. Um dos meus médicos torcia pra ser botulismo: “- Se for, já passou o pior, agora é só o corpo expelir os esporos e se recuperar”. Não tive essa sorte: miastenia gravis. Nunca ouvi na vida. Talvez num episódio do Dr. House^{II}. Sentia-me num destes, na verdade. Até fechar o diagnóstico, muitos médicos, fisioterapeutas, neurologistas, “*istas*” e mais “*istas*”, vindo me ver. Tornei-me a sensação do hospital.

Meu neurologista indicou medicação pra miastenia gravis: “- Se for miastenia, vai melhorar. Se não for, o remédio não vai fazer mal”. Comecei a melhorar. Os exames para detectar essa doença demoram. Uma eternidade. Uns 20 dias depois, diagnóstico fechado: miastenia gravis. Doença da placa motora. Autoimune. Em resumo, a acetilcolina, um neurotransmissor que leva os pulsos eletromagnéticos pelo neurônio até o músculo, transformando-os em pulsos nervosos não consegue fazer seu trabalho, porque meus anticorpos atacam as ligações químicas que os fazem “colar” nas células musculares. Resultado: fraqueza muscular aguda. Por conta de ventilação mecânica, tive pneumonia hospitalar.

Com a medicação, comecei a (re)aprender a me movimentar e a respirar sozinha, com auxílio da fisioterapia intensivista. Fiz traqueostomia pra começar o desmame da ventilação mecânica. A primeira vez que sentei no leito, parecia que a Gravidade me esmagava, descobri que respirar pode doer. Em geral, nunca senti dores físicas com minha condição. Só as dores da alma mesmo. Melhorando, foram 45 dias de UTI.

Voltei pra casa andando bem devagar. Sendo medicada com um antibiótico profilático, tive uma piora (existe uma extensa lista de medicamentos que nós, miastênicos não podemos fazer uso). Um mês depois, tive uma crise em casa. Não respirava. Puxava o ar e nada. Sufocamento pela paralisação do diafragma. Saturação no oxímetro (aparelho que verifica a

CRIVELLO, N. A.

oxigenação sanguínea) chegou a 30%, de 100%. Meu pai e meu irmão mais novo me socorrendo. Lembro-me de urinar no colo do meu irmão. Não controlava meu corpo. O mais perto que dava pra chegar era na UPA (Unidade de Pronto Atendimento) do bairro. Lembro do meu pai e irmão me arrancando de dentro do carro, entrando na UPA (“- Ela tem miastenia, o diafragma parou, tá em crise respiratória, e não pode tomar um monte de remédios”, ouvi meu pai gritando) e na maca, a equipe cuidando de mim. Apaguei. Acordei entubada. Havia sido entubada por um médico venezuelano, do “Mais Médicos”. Ele falou algo comigo, a enfermeira disse que meu pai estava lá fora muito nervoso, que eu estava “corada” já, porque cheguei lá “azul” e a ambulância estava a caminho pra me transferir pra UTI do Hospital.

Aquela sensação de fracasso. De novo. Tudo de novo. Sondas. Tubos. Acessos. Minhas veias finas não aguentavam mais tantas agulhadas diárias. Cansaço da alma. Praticamente virei (novamente) um ratinho de laboratório. Todo mundo do hospital vindo me ver. Mais 61 dias. Fisioterapia de novo. Fono. Aprender a comer, mastigar, falar, andar. Outra traqueostomia pra desmamar do ventilador. Só que dessa vez fiquei acomodada naquele leito 8. Dessa vez demorei porque fiquei insegura de respirar sozinha e meu diafragma parar mais uma vez. O neurologista sugeriu a imunoglobulina, um anticorpo de pessoas saudáveis. Tomei a primeira infusão antes do meu aniversário. Completei 33 anos de vida dentro da Sala Amarela. Ganhei festinha com tudo. Bolo, refrigerante, docinho. Tema da “*Wonder Woman*”. Minhas médicas maravilhosas trouxeram minha família depois da visita. Uma choradeira só. Minha avó veio. Minha mãe tão sofrida ali comigo, vestida de mulher maravilha. Meus irmãos. Meu pai sempre otimista. Meus amigos do hospital. A imunoglobulina começou a fazer efeito rápido.

Aquele momento me deu um gás para querer sair dali e decidi que ia deixar o ventilador mecânico a qualquer custo. Comecei a me empenhar e perder o medo. Fui melhorando. Achei que ia ter alta no Natal. Mas passei no Hospital. Meus presentes foram: ver meus pais no dia 25 de manhã, fora do horário de visita. Uma latinha de Coca-Cola e um pote de sorvete. Tive alta dia 28/12/2018. Finalmente. Ano novo em casa. Voltei pra outras seis sessões de imunoglobulina, mas na enfermaria. Em casa a cada dia melhorando. Hoje estou tomando medicações imunossupressoras, e estável. Não posso fazer atividades que demandem muito esforço físico.

Mas então, voltando ao motivo dessa exposição. O apocalipse de muita gente, 2020. Foi a minha aurora. No sentido de poder voltar ao doutorado, entre outras atividades, que me requerem mais autonomia. cursar uma disciplina, mesmo que a distância, pois não posso sair de casa por conta das medicações que diminuem minha imunidade. Voltar a ter contato com sala de aula. Foi tão maravilhoso neste sentido. A cada reflexão sobre a história do tempo presente, pensava sobre a minha própria história. Aquele *instante* que torna o presente em passado.

Reside aí a compreensão de Vengoa^{III} ao entender essa *démarche* que se singularize como uma forma específica e particular de abordar nosso complexo presente. Desse enfoque que surge tanto por uma exigência historiográfica, como por uma necessidade social. E eu, enquanto historiadora percebo essas duas necessidades ao tentar escrever minha própria história. Um trecho dela. Uma visão dela. Não podemos esquecer que o ato de escrita da história é construtivo, inacabado, processual^{IV}.

Não é a questão de escrever uma (minha) história imediata, mas uma demanda historiográfica que busca analisar o retorno do acontecimento desvinculado da política. A historiografia, durante o século XX passou por uma renovação ao aproximar-se das estruturas e das relações entre os diversos segmentos da sociedade, e ao se distanciar do evento. Agora, entendendo que a história política pode incluir o estudo das estruturas, partindo do princípio

catalizador do evento, retomando o contato com este. Da imediatez do acontecimento para compreender a estrutura.

Como isso se encaixa na minha demanda? No que se refere a meu ofício de historiadora que está ciente do seu ofício, de que sua própria história é uma engrenagem que constrói o tecido social. Do ser historiador em tempo integral. De refletir sobre a passagem do tempo enquanto estava numa UTI. De ser historiadora e minha fonte e objeto e o plasma historiográfico (eu mesma, as relações travadas naquela UTI, o tempo) não estavam distantes “aparentemente comportados em gavetas ou estantes de arquivos”^V; ou num museu ou numa hemeroteca. “Numa situação assim, fica evidente a relação intrínseca entre os vaivéns da memória [a minha própria] e a demanda social geradora da História do tempo presente”^{VI}. Enquanto necessidade social individual, em decorrência de um presentismo e imediatismo tão incontestáveis diferenciando-se destes ao impor um dever de mediação, o tempo presente corresponde ao meio termo entre passado e presente, ao destacar-se como nova concepção historiográfica.

Minha conjuntura esteve inserida na média e longa durações^{VII}. A coisa mais incrível^{VIII} de se estar no UTI, foi, para mim, a consciência da passagem do tempo. Alheio a mim. Naquela rotina de momentos estáticos diários, eu assistia imóvel ao presente transformando-se em passado sob os meus olhos. A sensação de ver a história acontecer. Fiquei até um pouco obsessiva com isso. Coisas espantosas passam na nossa mente numa situação assim. De qualquer modo, o que sobrava era tempo. Me sentia presa na longa duração de Braudel^{IX}. Obviamente que aqueles quase 110 dias não eram a longa duração do Braudel. Mas naquele período eu estabeleci a minha, ou uma minha, longa duração. Simplesmente porque eu via o tempo estático passando dia após dia em frente do leito 8. E de alguma forma eu me sentia suspensa enquanto o tempo passava e eu ficava ali. Naquele universo só meu, eu construí minha própria teoria das temporalidades. Na intersecção do presente e da longa duração^X estava o meu próprio tempo presente.

Uma imagem martelava minha mente. A cada amanhecer, a languidez da situação^{XI} me remetia a uma pintura. Estava na capa de um livro. O primeiro lido no mestrado: “Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado?” De John Gaddis. O quadro, “O viajante sobre o mar de névoa”, de Caspar David Friedrich^{XII}. Um homem que contempla, sobre o topo de uma montanha, o horizonte enevoado. Aquele distanciamento sugere um olhar exigido pelo tempo, visto que o passado chega a nós inacessível, sendo viável apenas sua representação através dos objetos que chegam a nós. Assim como os cartógrafos “mapeiam” suas paisagens, os historiadores representam aquilo que não pode ser copiado. No meu caso, não estava no topo da montanha, muito menos via através da névoa. Não estava “numa torre seguram esperando observar o mundo [e a vida] como oceano distante”^{XIII}. Estava imóvel no leito e via a vida passando, cristalina, à minha frente. Como se estivesse na areia da praia e o mar com turbilhões de ondas, indo e vindo naquele balanço da maré (ora mais estrondoso, ora mais suave). Um distanciamento e aproximação simultâneos (pois participava e não participava daquela realidade) como o historiador do tempo presente inserido na realidade histórica fazendo uso de uma escala de tempo e espaço, praticando aproximação e distanciamento de um objeto que divide consigo a vivência temporal.

Essa reflexão me remete a uma das discussões travadas em sala, sobre a poesia de Mário Quintana (1906-1994), Pequeno Poema Didático^{XIV}. “O tempo é indivisível”, é uma constante que perpassa a existência de todos. O tempo seja, talvez, o maior e mais abrangente dos fatos sociais, cuja teoria Durkheim (2004) desenvolveu^{XV}. Ele é anterior a todos nós. É exterior a todos. Coage a nós todos. Como na canção de Caetano Veloso (1978)^{XVI}, é uma espécie de Deus. Quiçá seja ele mesmo um deus, dadas essas suas características durkheimianas, essa sua soberania de estar antes, de seguir após a nossa fugaz existência.

CRIVELLO, N. A.

Mas ele também é tão flexível. O meu tempo ali naquele leito foi construído pra atender às minhas demandas.

Como eu contava a passagem dele? Conforme os eventos diários. Eis meu calendário: Troca de turno de manhã. Medicação. Café da manhã (quando eu já estava me alimentando oralmente). Primeiro contato do fisioterapeuta pra limpar as secreções e os circuitos da ventilação mecânica. Medicação. Banho. *Round* de médicos me analisando juntamente com os acadêmicos estudantes de medicina. Lanche da manhã. Fisioterapia motora/respiratória. Pessoal do hospital vindo me ver. Medicação. Almoço. Soninho da tarde. Leitura dos meus textos/ revistas em quadrinhos. Medicação. Aguardar ansiosamente pela visita. Lanche da tarde. Visita. Vazio após a visita. Mais fisioterapia. Mais leitura e escrita de textos. Medicação. Jantar. Leitura. Medicação. Rotina de sangue. Apagar das luzes. Medicação. Dormir. Medicação da madrugada e papear com as técnicas que estavam trocando os pacientes na madrugada. Dormir.

O diferencial era às quartas ou quintas-feiras, que eu fazia tomografia fora da UTI. Dia de passeio ao mundo exterior. Alguns dias apareciam os doutores da alegria, da capelania hospitalar. Os dias da semana não eram contados como os dias da semana. Mas dos plantões médicos: segunda Gabriel e Roberta (na UTI ao lado), (era meio que um anexo da minha UTI.). Terça Gaban e Roberta, a dupla inseparável. Quarta Laís e Fabi. Quinta Gaban e Roberta. Sexta Laís e Bárbara. Sábado Arthur ou Letícia. Domingo Sherly ou Letícia. Existiam outras subdivisões temporais: os plantões das equipes da enfermagem e da fisioterapia. Dos funcionários do laboratório, da farmácia.... Daquela “vida indivisível” do Quintana. Mesmo/ A que se julga mais dispersa/ E pertence a um eterno diálogo/ A mais inconsequente conversa” eu (re)construí uma realidade da vida só minha. Meu próprio Tempo presente.

O tempo presente é o espaço onde a vida acontece, e num lampejo, transforma-se passado. Esse caráter indivisível do poema, da vida, e do tempo, pode nos ajudar a refletir sobre a continuidade da existência de todas as coisas na duração longa. Tudo é duração longa, por mais instantâneo que se possa parecer. Anos, Eras, tempos, Horas, Minutos, Segundos... todas essas dimensões temporais são arbitrariamente construídas e nós somos arbitrariamente “encaixados” nelas. Mesmo os horrores (o meu 2018, o nosso 2020), os “amontoados de ruínas”^{XVII}, e todos os demais pertencemos a um mesmo diálogo. Não dá para dissociar, tudo faz parte de um mesmo processo. E neste processo, cada um e todos nós temos uma diversidade de vivências coexistindo.

O grande tempo calendário é construído socialmente, não é maior que o Deus Tempo de Caetano que nos precede e procede, que não é maior que o tempo presente individual, de cada um. Esses todos são um só. Como as espumas de Braudel, essa nossa história do tempo presente vivido vai firmando-se. Porque cada temporalidade que ele detectou nas camadas do mar, na verdade representam camadas de um mesmo imenso mar. Porque a história, mais do que nunca, é a ciência do presente. Este, muito comumente não percebido, vai transcorrendo, diluindo-se pelas nossas mãos como naquele quadro de Salvador Dali (1904-1989), “Persistência da memória”^{XVIII}.

* * *

Minhas indagações recentes sobre a História, o Tempo, e o Tempo Presente têm, cada vez mais, confundindo-se com minhas próprias vivências individuais. Os papéis de historiadora e indivíduo têm e vêm se imbricando a todo o momento.

Pensar criticamente é uma porta que, quando aberta, não se fecha mais. Este pensar não é uma exclusividade do historiador. São conhecidas as discussões de Gramsci a respeito da função do intelectual^{XIX}. Um ‘pensar’ e um ‘operar’ homogêneos são próprios dos

intelectuais profissionais. Mas, considerando-se estes intelectuais (em suas próprias searas), um médico, um historiador, um engenheiro (mecânico ou civil), um estatístico, viveriam todos a pensar sobre suas práticas profissionais em tempo integral? Penso certas diferenças em suas formas de refletir seus objetos.

De qualquer forma, não é comum um engenheiro mecânico, ao longo de seus dias refletindo a respeito do funcionamento de coisas. Ou um médico, pensando sobre suas práticas, sobre a cura ou a doença, sobre o funcionamento das coisas: ele (provavelmente) não olha uma pessoa com a perna quebrada na rua e quer consertar. Não é comum um engenheiro civil estar em tempo integral realizando vistorias (fora de expediente), ou analisando possíveis patologias nas edificações ao caminhar por uma calçada. Não deve ser comum um estatístico ficar, a todo o momento, realizando relações de proporções, equações.

Com o ser historiador parece diferente. (Poderia estender esta discussão aos demais cientistas sociais. Entretanto, sou historiadora, e darei primazia às práticas de meu próprio ofício.) Saltam-me à cabeça os “Cogitos”: o de Descartes (1996)^{XX}, em que eu existo porque penso (seja no sentido de coisa, ser pensante; ou ato de pensar) todo racional e potente, cheio de autonomia e independente; o do Torquato Neto (1982)^{XXI}, meio perturbado, um tanto desalinhado enquanto indivíduo... Mas ele também, consciente “eu sou como eu sou, pronome pessoal intransferível do homem que iniciei na medida”:

Eu sou como eu sou pronome pessoal intransferível do homem que iniciei na medida do impossível eu sou como eu sou agora sem grandes segredos dantes sem novos secretos dentes nesta hora eu sou como eu sou presente desferrolhado indecente feito um pedaço de mim eu sou como eu sou vidente e vivo tranquilamente todas as horas do fim.^{XXII}

Possivelmente Torquato estivesse dialogando, ou mesmo jogando com o “Cogito” original. Em contraponto ao racionalismo cartesiano, o sujeito de Torquato parece atormentado, passando por uma crise, se desfazendo, desfragmentando enquanto pessoa. Considerando o momento em que foi escrito, o alcoolismo e quadros de esquizofrenia e a forma como o poeta morreu, isso possa ter algum sentido^{XXIII}. De qualquer forma, esse texto como sintoma de seu próprio tempo presente está em consonância com o universo das transformações culturais da modernidade. Essas mudanças tão frequentes, fluidas, em “que tudo que é sólido desmancha no ar”^{XXIV} podem gerar a perda de continuidade entre passado e presente, ocasionando uma possível crise de identidade. Esta “abalou os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”^{XXV}.

Entre o “cogito” cartesiano e o “cógito” torquatiano encontrei possibilidades de reflexões sobre o historiador e sua prática, e o tempo presente.

Sou historiadora, logo existo. Com o passar do tempo, dos anos, desde que me formei essa máxima tem se tornado mais contundente em minha vida. A formulação surgiu como título deste texto. Mas a sensação tem se tornado cada vez mais evidente. Sobretudo depois da minha passagem pela UTI.

Espero que essa impressão acometa a todos os historiadores. Essa necessidade de busca pela verdade^{XXVI}, por uma verdade, pela “chama vacilante e frágil”.^{XXVII} Obviamente tentamos dar certa inteligibilidade, certo sentido às narrativas. Não significa a total subjetividade, mas devemos ter em mente que não se pode separar o sujeito do objeto. E a despeito de nossas temáticas de pesquisa acadêmica, de nossos grupos de estudo, de nossos objetos, a nossa própria vivência é também nosso objeto. E muitas vezes, nossa fonte. Não estou aqui negando a objetividade, tão cara ao método científico, mas nossa prática em geral (sobretudo ao historiador do tempo presente) dá-se fora dos muros do laboratório. Nossa objetividade não é a do engenheiro mecânico ou civil, do médico ou do estatístico.

Mas é uma neutralidade consciente que transforma-se no elemento condutor da conduta do historiador.

Outro ponto de reflexão, a totalidade. Ou a globalidade. O preocupar-se com a verdade não significa restituir o passado tal e qual. Como a personagem da tela que domina a paisagem sobre a névoa. A névoa existe. Encobre alguns episódios. Um distanciamento existe. Mesmo que no tempo presente, não possuímos a soberania do testemunho ocular, o que nos remete à complexidade crescente do real no mundo contemporâneo. A totalidade não é generalização. É a conexão dos mundos. Que nos ajuda a compreender o fenômeno para além do fenômeno. Entendemos que na História do tempo presente, partimos do instantâneo para entender o todo.

Por fim, o caráter ético da história e do historiador. Pra mim é indissociável nossa função ética. Entendo que não podemos (nem devemos) transformar a história num tribunal. Mas não podemos nos furtar a nossa responsabilidade moral como indivíduos e cidadãos. Nosso discernimento, nosso rigor e nosso distanciamento precisam ser postos em prática sem esquecer que somos humanos. Mas o ser historiador é, antes de tudo, uma função social.

Infelizmente no Brasil, não é manifesta a demanda social exercida sobre o historiador, tal qual ocorre em França. Entretanto a nossa função está lá. Devemos responder às demandas, ainda que sejam nossas, de nossas pesquisas, dos curiosos, com independência, respeito às regras do ofício e sem o temor de agradar a mídia e/ou grupos dominantes. E obviamente tendo em mente que as vivências de cada época têm limites na própria época.

Essas ponderações me ajudam a evidenciar que exercemos nossas reflexões de historiador em tempo integral. Ser historiador, além de ser um ofício, parece um sacerdócio. Conforme Jaspers^{xxviii}, se somos “homens que abrimos os olhos para participar da realidade histórica”, “quanto mais compreendemos o que ela é, mais temos necessidade de procurá-la”. Os textos de Bloch e Febvre sempre me encantaram. Sempre me evocaram essa imbricação do papel do historiador e do indivíduo. Os leio desde menina, uma aprendiz de Clío, que dava os primeiros passos no ofício. Como Bloch^{xxix} diz, nosso dever é se interessar pela vida. Toda ela. Que confunde-se com nossa própria. Uma vida de combates como diz Febvre^{xxx}: “Por ela que lutei toda a minha vida/ Vejo-me historiador por prazer ou desejo, para não dizer de coração e de vocação”. Praticando os hábitos da crítica, da observação e da honestidade. Esse deve ser o nosso ethos.

Notas:

^I Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ.

^{II} House, M.D. é um seriado médico da televisão norte-americana, criado por David Shore e exibida entre 2004 e 2012 pela Fox. Na história, o médico que dá nome à série, desvenda casos de pacientes com doenças raras. Conferir em: <https://www.imdb.com/title/tt0412142/>. Acessado em 10/11/2020.

^{III} VENGOA, H. F. La Historia del tempo presente: una historia em construcción. Historia crítica, N.17. Jul-dec, 1998. p. 48.

^{IV} Vengoa, H. Op cit.

^V MAYNARD, D. História em horas extremas: anotações sobre o tempo presente. p. 158

^{VI} MAYNARD, D. Op cit.

^{VII} Neste artigo, a ideia de duração, é aquela contida em famoso artigo de Fernand Braudel : “História e Ciências Sociais: a longa duração”, publicado na Revista de História, vol. XXX, ano XVI, 1965.

^{VIII} Enquanto cientista social, obviamente. Muito me comoveram outras situações. Testemunhei pessoas falecendo todos os dias. Seu sofrimento, sua dor. Testemunhei pessoas melhorando, e saindo dali. Sua alegria. Vi médicos comprando itens de higiene para os pacientes que não tinham recursos. Vi o empenho deles em salvar vidas. Em insistir na ressuscitação. Em dar dignidade ao paciente ao deixá-lo partir.

^{IX}

- ^X DOSSE, F. História do tempo presente e Historiografia. Tempo e argumento. Florianópolis, v.4, n.1, jan./jun., 2012, p.6.
- ^{XI} Ao falar da languidez, falo da minha própria. Da minha sensação de que o tempo passava, as pessoas viviam suas vidas, iam e viam, e eu permanecia ali. Era como se o tempo tivesse parado pra mim. E de certa forma isso era uma realidade. Pois se uma UTI pode ser classificada por muitos adjetivos, “lânguido” não é um deles. É um dos lugares mais estressantes e dinâmicos.
- ^{XII} FRIEDRICH, C. D. *Viajante/Caminhante sobre o mar de névoa*. Óleo sobre tela, 98,4 x 74,8 cm, 1817. Conservada na Hamburg Kunsthalle, Hamburgo, Alemanha.
- ^{XIII} MAYNARD, D. Op. Cit. p.160
- ^{XIV} Pequeno Poema didático, de Mário Quintana. Disponível em: <https://singularidadepoetica.art/2016/02/22/mario-quintana-pequeno-poema-didatico/>. Acesso em 20/08/2020
- ^{XV} DURKHEIM, E. "O que é fato social?" In: As Regras do Método Sociológico. Tradução Eduardo Lúcio Nogueira. 9 ed. Lisboa: Editorial Presença, 2004.
- ^{XVI} VELOSO, C. Oração ao tempo. In: Cinema Transcendental. Verve: RJ, 1978.
- ^{XVII} BENJAMIN, W. In Walter Benjamin - Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Aqui me refiro especificamente à Nona tese “Sobre o conceito de História”: o “anjo da história”, cujo rosto voltado ao passado “vê somente catástrofe e um amontoado de ruínas”. 1987.
- ^{XVIII} DALI, S. Persistência da memória. Óleo sobre tela, 34 x 33 cm, 1931. Conservado no Museum of the Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos.
- ^{XIX} Gramsci evidencia que todos os homens são intelectuais, mas nem todos desempenham a função de intelectual. Um pensar e um operar homogêneos são próprios dos intelectuais profissionais. Cf. GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1982.
- ^{XX} *Gogito, ergo sum* (em latim)/ *Je pense, donc je suis* (em francês). DESCARTES, R. Discurso do método. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 37.
- ^{XXI} Torquato Neto foi poeta, jornalista, letrista e roteirista de shows. Um dos principais articuladores do movimento tropicalista. Colunista de “Geléia Geral” no jornal Última Hora. Conferir o poema “Cógito” em: <https://www.pensador.com/frase/NTc5OTMy/>. Acesso em 21/09/2020.
- ^{XXII} NETO, 1982
- ^{XXIII} O poema “Cógito” de Torquato Neto foi escrito no contexto da Ditadura Civil Militar, no Brasil.
- ^{XXIV} Em alusão aos escritos de Marshal Berman no livro Tudo o que é sólido desmancha no ar. Conferir BERMAN, Marshal. Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo. Companhia de Letras, 1986.
- ^{XXV} HALL, 1998, p. 9
- ^{XXVI} Essas reflexões a respeito da história, da totalidade e da ética terão em mente as proposições de BÉDARRIDA, F. O tempo presente e a presença da História. In: FERREIRA, M; AMADO, J (Orgs.). Usos e abusos da história oral. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.p.219-232.
- ^{XXVII} BÉDARRIDA, 2005, p. 222).
- ^{XXVIII} Apud BÉDARRIDA, 2005, p. 229
- ^{XXIX} BLOCH, 2011, p. 50
- ^{XXX} FEBVRE, 1989, p. 7

Referências Bibliográficas:

- DURKHEIM, E. "O que é fato social?" In: As Regras do Método Sociológico. Tradução Eduardo Lúcio Nogueira. 9 ed. Lisboa: Editorial Presença, 2004.
- BÉDARRIDA, François. **Tempo presente e presença da história**. Usos & Abusos da História Oral. AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.p.219-232
- BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- BENJAMIN, W. In Walter Benjamin - Obras escolhidas. Vol. 1. **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232. (Tradução de Sérgio Paulo Rouanet.)
- DOSSE, François. **História do tempo presente e historiografia**. Revista Tempo e Argumento, [S.

l.], v. 4, n. 1, p. 05 - 22, jun. 2012. ISSN 2175-1803.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989. p.p. 28 a 51.

GADDIS, J. GADDIS, John Lewis. **Paisagens da História: como os historiadores mapeiam o passado**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1982.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998

MAYNARD, Dilton. **História em horas extremas: anotações sobre o tempo presente**. In: MAYNARD, Andreza, MAYNARD, Dilton. **Visões do Mundo Contemporâneo**. V.2. São Paulo, LP Books, 2013. p.157-171 .

NETO, T. **Os últimos dias de Paupéria**. 2.ed. São Paulo: Max Limonad, 1982.

VENGOA, H. **La historia del tiempo presente: una historia en construcción**. *Historia Crítica*, núm. 17, julio-diciembre, 1998, pp. 47-57.